



REPRODUZIR OU CONTRARIAR O DESTINO SOCIAL?

Estudo longitudinal de uma geração nascida nos anos 90 do século
XX em Portugal

Síntese de resultados

Anália Torres e Henrique de Barros (Coordenadores)

Bárbara Barbosa Neves, Diana Carvalho, Diana Maciel, Elisabete Ramos, Fátima Assunção,
Fernando Serra, Helena Sant'Ana, Lara Tavares, Rui Brites e Vitória Mourão

Website: epiteen.iscsp.ulisboa.pt

Índice

Introdução	P. 3
1. Perfis de mobilidade social na transição para a vida adulta	P. 5
2. Perfis de mobilidade educacional e comportamentos de risco	P. 14
3. Desempenho educacional aos 21 anos: de onde vêm as diferenças?	P. 17
4. Juventude, mobilidade social e depressão	P. 19
5. Capital social e envolvimento cívico na transição para a vida adulta	P. 23

Introdução

EPITeen24 é um estudo integrado no âmbito da coorte EPITeen (*Epidemiological Health Investigation of Teenagers in Porto*), que pretende analisar, na perspetiva conjugada das ciências sociais e da saúde pública, as trajetórias individuais e sociais da geração de indivíduos nascidos em 1990 e que, em 2003/2004, frequentavam as escolas públicas e privadas do Porto (total de 2942 indivíduos inquiridos aos 13, 17, 21 e 24 anos).

O projeto associa uma equipa de investigação do **ISCSP-ULisboa** (Instituto Superior das Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa) à equipa de investigação da **FMUP** e do **ISPUP** (Faculdade de Medicina e Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto), que idealizou e lançou este estudo de coorte em 2003. É financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, tendo sido aprovado com a classificação de *Outstanding* (PTDC/IVC-SOC/4943/2012).

Com o título “**Reproduzir ou contrariar o destino social? Estudo longitudinal de uma geração nascida nos anos 90 do século XX em Portugal**”, a pesquisa pretende:

- Analisar de que forma a **origem social e o nível de escolaridade atingido pelos pais e mães** afetam a escolaridade atingida e os percursos de mobilidade educacional e social das/os jovens;
- Perceber que papel desempenha o sucesso académico das/os jovens na **mobilidade inter e intra-geracional** (ascendente, descendente ou horizontal);
- Compreender como se articulam, nesses processos de mobilidade e transição para a vida adulta, a **origem social e o investimento educacional** quer das/os jovens quer dos pais;
- Estudar o modo como o género influencia esses processos e resultados;
- Refletir como variáveis estruturais (como a classe social) entre muitas outras afetam práticas e percepções (retenção escolar, tempo passado a ler e/ou a estudar, tempo passado a jogar computador, prática desportiva, comportamentos de risco e percepções de saúde).

Neste documento, apresentam-se alguns dos resultados mais relevantes da pesquisa, tendo em conta as suas quatro linhas de investigação: 1) Educação, mobilidade social e

desigualdades sociais; 2) Género, efeitos de género, percursos biográficos e constituição de família; 3) Determinantes sociais da saúde, bem-estar e qualidade de vida; 4) Capital social, redes sociais e cidadania.

Uma das dimensões analíticas do estudo traduziu-se na identificação de perfis de mobilidade educacional. Estes perfis, ao compararem os níveis de escolaridade dos pais com a escolaridade atingida (ou frequentada) pelas/os jovens, permitem compreender **processos de reprodução educacional** quando os jovens atingem o mesmo nível de ensino dos seus pais, ou **processos de mobilidade educacional** quando os jovens superam a escolaridade dos pais ou quando, pelo contrário, não conseguem, pelo menos até aos 21 anos, chegar a esse o mesmo patamar.

Esta síntese está estruturada em cinco pontos. No ponto 1, **Perfis de mobilidade social na transição para a vida adulta**, identificam-se algumas das razões pelas quais umas/uns jovens reproduzem e outras/os contrariam os níveis de escolaridade atingidos pelos seus pais. Considerou-se, pois, para além da escolaridade outras variáveis de caracterização social dos pais como os rendimentos do agregado, a condição perante o trabalho, a profissão. Quanto aos jovens, analisou-se um conjunto de variáveis, como o sexo, os hábitos de leitura, as práticas desportivas e as atividades de lazer, entre muitas outras.

No ponto 2, **Perfis de mobilidade educacional e comportamentos de risco**, aborda-se a relação entre comportamentos de risco das/os jovens e processos de reprodução ou mobilidade educacional.

No ponto 3, **Desempenho educacional aos 21 anos: de onde vêm as diferenças?**, procura-se analisar algumas das variáveis que influenciam o desempenho educacional aos 21 anos.

No ponto 4, **Juventude, mobilidade social e depressão**, estuda-se a relação entre o diagnóstico de depressão nas/os jovens, e diferentes variáveis entre as quais os processos de reprodução ou mobilidade educacional.

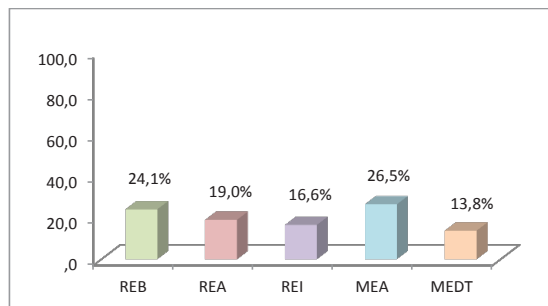
No ponto 5, **Capital social e envolvimento cívico na transição para a vida adulta**, procura-se relacionar as redes de relações desenvolvidas pelas/os jovens, os recursos que estas lhes podem proporcionar e ainda o seu envolvimento social e cívico.

1. Perfis de mobilidade social na transição para a vida adulta

Tendo em consideração o objetivo de analisar as trajetórias das/os jovens relativamente às dos seus pais, identificaram-se **cinco perfis de mobilidade educacional** utilizando uma análise descritiva que compara a escolaridade das/os jovens aos 21 anos, com a dos respectivos pais (Figura 1):

- (1) **REB, Reprodução Educacional de Nível Baixo** (n = 411) – jovens com 12 ou menos anos de escolaridade e pais com 9 ou menos anos de escolaridade;
- (2) **REA, Reprodução Educacional de Nível Alto** (n = 325) – jovens com 15 ou mais anos de escolaridade e pais com nível de escolaridade idêntico;
- (3) **REI, Reprodução Educacional de Nível Intermédio** (n = 283) – jovens com escolaridade entre os 10 e os 14 anos e pais com a mesma escolaridade;
- (4) **MEA, Mobilidade Educacional Ascendente** (n = 462) – jovens com 13 ou mais anos de escolaridade e pais com 9 ou menos anos de escolaridade (n = 269) e jovens com 15 ou mais anos de escolaridade e pais com escolaridade entre os 10 e os 14 anos (n = 183);
- (5) **MEDT, Mobilidade Educacional Descendente Transitória** (n = 236) – jovens com escolaridade até 14 anos (inclusive) e pais com 15 ou mais anos de escolaridade (n = 215) e jovens com escolaridade obrigatória e pais com escolaridade entre os 10 e os 14 anos (n = 21).

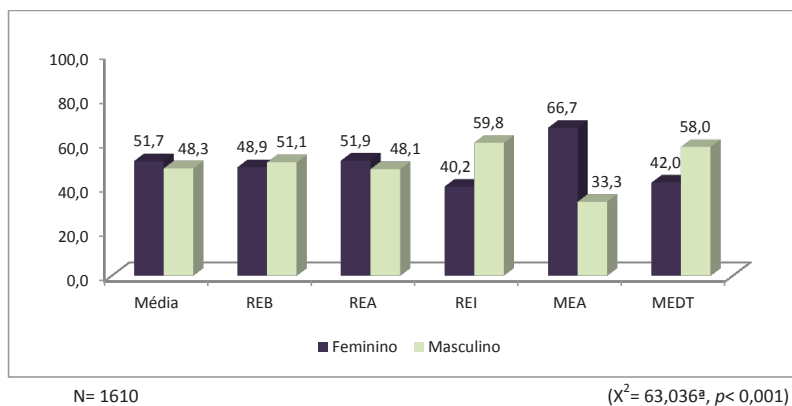
Figura 1. Perfis de Mobilidade Educacional (%)



N= 1707

No grupo de jovens com pais pouco escolarizados são as raparigas que atingem maior nível de escolaridade (**Mobilidade Educacional Ascendente** - 66,7%). Já no grupo de jovens cujos pais têm licenciatura ou mais, são os rapazes que encontram maior dificuldade em atingir o mesmo nível de escolaridade (**Mobilidade Educacional Descendente Transitória** - 58,0%). No entanto, é importante sublinhar que esta situação pode ser transitória, porque muitos deles se encontravam ainda a estudar aos 21 anos (Figura 2).

Figura 2. Perfis de Mobilidade Educacional por Sexo (%)



Os rendimentos do agregado familiar condicionam de forma expressiva a escolaridade das/os jovens. Quanto maior é o rendimento familiar, maior é a escolaridade atingida. Todavia, as/os jovens cujos pais são pouco escolarizados mas que atingem escolaridade superior têm um rendimento familiar um pouco mais elevado do que aquelas/es que apresentam a escolaridade obrigatória (Quadro 1).

Quadro 1. Rendimentos do Agregado Familiar por Perfis de Mobilidade Educacional (%)

%	Até 1.000€	1.001€ - 2.000€	2.001€ - 3.000€	Mais de 3.000€
REB	44,4	43,5	9,7	2,4
REA	3,3	15,3	33,6	47,8
REI	17,4	47,7	23,6	11,2
MEA	22,0	47,3	21,0	9,8
MEDT	10,9	30,7	30,2	28,2

N= 1516 ($\chi^2 = 506,135^a$, $p < 0,001$)

Para além da escolaridade atingida, o rendimento do agregado familiar condiciona também o percurso escolar e profissional (Quadro 2). A maioria das/os jovens que aos 21 anos já estavam a trabalhar ou desempregadas/os à procura do primeiro emprego tinham rendimentos abaixo dos 1.500 euros (56,2% e 73,6% respetivamente). Já a maioria das/os estudantes ou trabalhadoras/es estudantes têm rendimentos familiares acima dos 1.500 euros (66,1% e 59,6% respetivamente).

Quadro 2. Rendimentos do Agregado Familiar segundo a Condição perante o Trabalho (%)

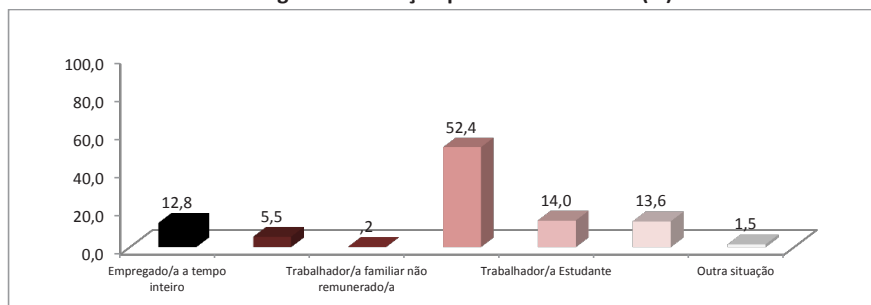
%	Até 500€ (A)	501 - 1000€ (B)	1001 - 1500 € (C)	1501 - 2000 € (D)	2001 - 2500 € (E)	2501 - 3000 € (F)	Mais de 3000 € (G)
Trabalhador/a	2,6	25,0	28,6	18,1	8,6	7,9	9,2
Estudante	2,9	12,3	18,8	16,8	13,5	13,7	22,1
Trabalhador/a-Estudante	2,3	15,9	22,3	16,4	13,2	7,7	22,3
Desempregado/a /À procura do primeiro emprego	14,1	32,7	26,8	9,8	5,4	6,3	4,9
Trabalhador/a familiar não remunerado/a	0,0	0,0	0,0	50,0	0,0	0,0	50,0
Outra situação	10,5	15,8	26,3	15,8	10,5	5,3	15,8

N= 1630

($\chi^2 = 16,251a, p < 0,050$)

A maioria das/os jovens inquiridas/os permanencia a estudar (52,4%), aos 21 anos, tal como se pode verificar na Figura 3. Para além disso, 14,0% eram trabalhadoras/es-estudantes, 13,6% estavam desempregadas/os ou à procura do primeiro emprego e apenas 18,3% estavam empregadas/os.

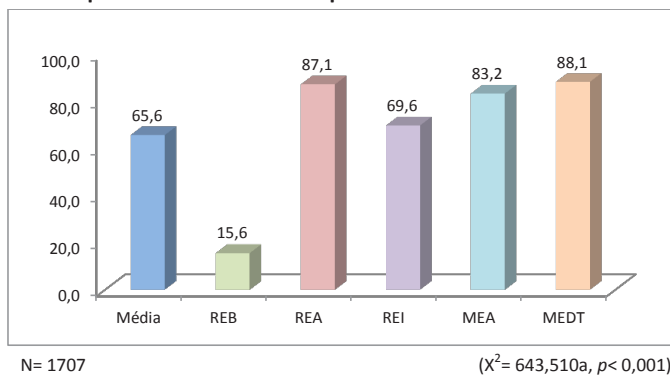
Figura 3. Condição perante o Trabalho (%)



N= 1739

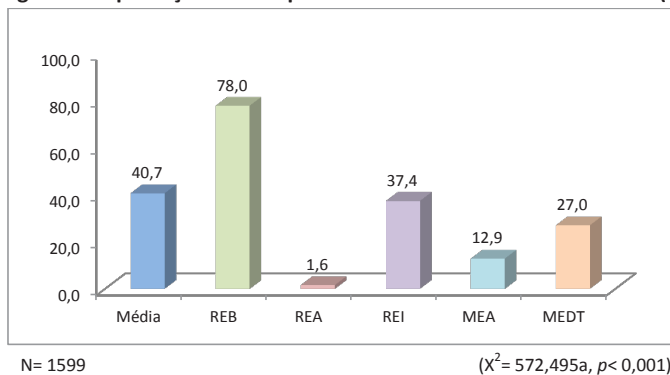
Aos 21 anos, as/os jovens pouco escolarizados e com pais com baixo nível de escolaridade (**Reprodução Educacional de Nível Baixo**) são as/os que têm a **menor proporção de frequência actual de ensino** (15,6%) (Figura 4). O que se relaciona com o que foi referido anteriormente quanto aos baixos rendimentos do agregado familiar e que indica também que é neste perfil que a maioria das/os jovens está a trabalhar, se encontra desempregada/o ou procura o primeiro emprego.

Figura 4. Frequência actual de ensino por Perfis de Mobilidade Educacional (%)



O papel da origem social e educacional das/os jovens é visível na **reprovação escolar**. As/Os jovens com baixa escolaridade e cujos pais são também pouco escolarizados (**Reprodução Educacional de Nível Baixo**), têm, aos 17 anos, a **taxa mais elevada** (78,0%). Por sua vez, as **taxas menos elevadas** de reprovação correspondem às/aos jovens com escolaridade elevada e pais igualmente muito escolarizados (**Reprodução Educacional de Nível Alto** - 1,6%) e às/aos jovens com escolaridade elevada e pais pouco escolarizados (**Mobilidade Educacional Ascendente** - 12,9%) (Figura 5).

Figura 5. Reprovação Escolar por Perfis de Mobilidade Educacional (%)



Um resultado muito marcante deste estudo mostra que as/os jovens mais escolarizadas/os mas com mães e pais pouco escolarizadas/os (**Mobilidade Educacional Ascendente**) são os que as/os que liam mais aos 13 anos, passam mais tempo a ler e/ou a estudar e praticam mais desporto (Quadro 3). Práticas em tudo semelhantes às das/os jovens mais escolarizadas/os com mães e pais também elas/es muito escolarizadas (**Reprodução Educacional de Nível Alto**). O que parece indicar que **as práticas de leitura, estudo e desporto podem compensar a influência da origem social**.

As/Os jovens menos escolarizadas/os com mães e pais também elas/es pouco escolarizadas/os revelam menores investimentos na leitura, no estudo e em práticas desportivas (**Reprodução Educacional de Nível Baixo**). Esta situação é também ela similar à das/os jovens menos escolarizadas/os com mães e pais mais escolarizadas/os (**Mobilidade Educacional Descendente Transitória**).

No entanto, quando se tem em consideração **práticas de lazer**, como ver televisão ou jogar jogos de computador, as/os jovens mais escolarizadas/os mas com pais com menos escolaridade têm práticas idênticas às do perfil da **Reprodução Educacional de Nível Baixo**.

Quadro 3. Práticas de Leitura, Estudo e Desporto por Perfis de Mobilidade Educacional (%)

		Perfis de Mobilidade Educacional				
		REB	REA	REI	MEA	MEDT
Leitura de livros aos 13 (últimos 3 meses)	Sim	17,7	23,1	17,5	26,1	15,7
	Menos de 2 horas	31,0	12,5	19,2	22,6	14,7
Tempo passado a ler e/ou a estudar aos 17 (Fins-de-semana)	Entre 2 a 4 horas	12,2	23,0	14,3	36,5	13,9
	Mais de 4 horas	17,7	29,4	9,3	30,4	13,2
Atividades desportivas aos 21	Sim	18,4	22,5	18,3	25,8	15,0

N "Leitura de livros aos 13 (últimos 3 meses)" = 1230

($\chi^2 = 111,091a, p < 0,001$)

N "Tempo passado a ler e/ou a estudar aos 17 (fins-de-semana)" = 1453

($\chi^2 = 111,011a, p < 0,001$)

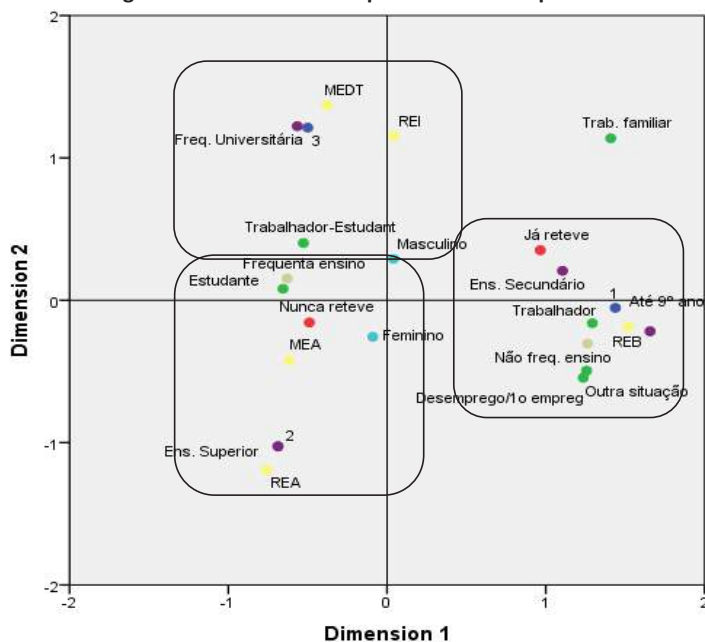
N "Atividades desportivas aos 21" = 1706

($\chi^2 = 41,169a, p < 0,001$)

Dada a diversidade de situações encontradas definiram-se, através de uma **análise de correspondências múltiplas**, três grupos de jovens procurando associar diferentes variáveis, tais como sexo, nível de escolaridade, condição perante o trabalho, perfis de mobilidade educacional, retenção escolar e frequência atual de ensino, como se pode ver na Figura 6.

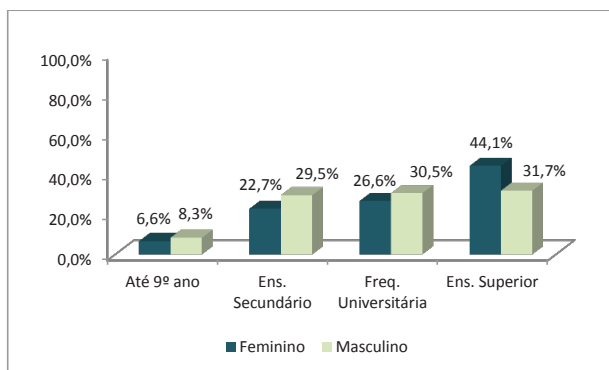
- Um grupo que integra jovens escolarizados até ao ensino secundário, que já estão a trabalhar ou que se encontram desempregados ou à procura do primeiro emprego, que não frequentam o ensino e cujos pais são igualmente pouco escolarizados (**Reprodução Educacional de Nível Baixo**) (30,1%);
- Um grupo que reúne rapazes que estão a frequentar a universidade, que são trabalhadores-estudantes, que já reprovaram em algum momento do seu percurso escolar e que têm pais com pelo menos o 10º ano de escolaridade (**Reprodução Educacional de Nível Intermédio e Mobilidade Educacional Descendente Transitória**) (32,6%);
- Um grupo formado por raparigas que têm licenciatura mas ainda frequentam o ensino, que nunca reprovaram e que têm pais ora muito escolarizados ora pouco escolarizados (**Reprodução Educacional de Nível Alto e Mobilidade Educacional Ascendente**) (37,3%).

Figura 6. Análise de Correspondências Múltiplas



Tal como já podia inferir desta Análise de Correspondências Múltiplas, as raparigas são tendencialmente mais escolarizadas do que os rapazes (44,1% daquelas tem ensino superior face a 31,7% destes) (Figura 7).

Figura 7. Nível de Escolaridade Concluído por Sexo (%)

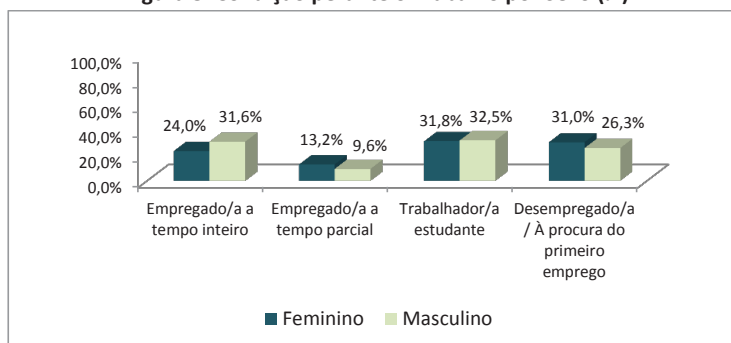


N= 1650

($\chi^2 = 27,466a$, $p < 0,001$)

Todavia, apesar de uma maior escolarização das raparigas e de uma feminização dos processos de mobilidade educacional ascendente, persistem **desigualdades de género à entrada no mercado de trabalho** (Figura 8). Apesar de as diferenças serem pequenas, há uma maior proporção de rapazes do que raparigas a trabalhar a tempo inteiro (31,6% face a 24,0%) e há uma maior proporção de raparigas desempregadas (31,0% face a 26,3%) e empregadas a tempo parcial (13,2% face a 9,6%).

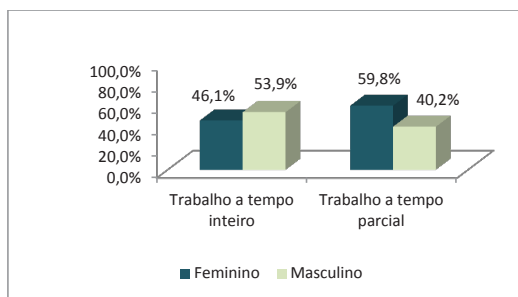
Figura 8. Condição perante o Trabalho por Sexo (%)



N= 729

Tal como já foi referido anteriormente, e importa novamente realçar, dentro do grupo de jovens empregadas/os, a **esmagadora maioria das raparigas está a trabalhar a tempo parcial** estudando em simultâneo (59,8%). O inverso verifica-se no caso dos rapazes, os quais, na sua maioria, já deixou de estudar, o que pode explicar o peso da variável sexo no trabalho a tempo inteiro (53,9%) (Figura 9).

Figura 9. Horário de Trabalho por Sexo (%)

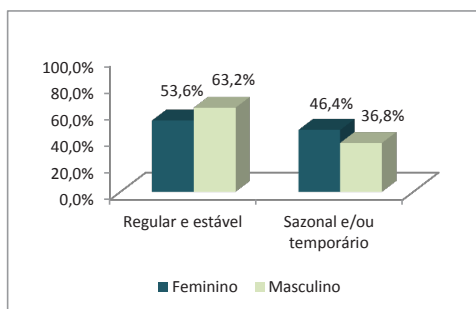


N= 324

($\chi^2 = 4,918a, p < 0,050$)

A mesma tendência é visível no tipo de contrato de trabalho que as/os jovens têm (Figura 10). A maioria dos **rapazes** descreve o seu **trabalho** como **“Regular e estável”** (63,2%). Mas um grupo ainda expressivo de **raparigas** refere ter um **trabalho “Sazonal e/ou temporário”** (46,4%).

Figura 10. Tipo de Contrato de Trabalho por Sexo (%)



N= 428

($\chi^2 = 4,098a, p < 0,050$)

A destacar:

1) Forte reprodução social e educacional, mas também mobilidade social ascendente.

- **Reprodução social:** jovens com baixos níveis de escolaridade têm mães e pais com baixos níveis de escolaridade, profissões pouco qualificadas e baixos rendimentos. Uma **minoria está ainda a estudar aos 21 anos (16,5%)** e uma **maioria está a trabalhar (48,8% ou desempregada (33,2%))**. O oposto acontece com as/os jovens com pais e mães muito escolarizadas/os.
- **Mobilidade educacional ascendente:** provenientes da mesma origem social e educacional (mães e pais pouco escolarizadas/os, com profissões pouco qualificadas e com baixos rendimentos), a esmagadora maioria destas/es jovens **está ainda a estudar aos 21 (83,2%)**, apenas 8,2% está a trabalhar e 8% está desempregada/o.

2) Forte **agência das jovens mulheres** (2/3 das/os jovens com mobilidade educacional ascendente são mulheres), mas também **fortes desigualdades** (nomeadamente na entrada no mercado de trabalho);

3) **Práticas** – As práticas relacionadas com a educação e o desporto das/os jovens de mobilidade educacional ascendente aproximam-se bastante das práticas das/os jovens que reproduzem a elevada escolaridade dos pais.

As/Os jovens da **Mobilidade Educacional Ascendente (e especialmente as mulheres)** parecem ter uma **estratégia muito focada** nos estudos e tudo leva a crer que usam ou usarão as **qualificações académicas** e o **capital cultural** para atingir uma **classe e status social e económico superiores**.

4) Os resultados parecem confirmar as **teorias de reprodução social** (Bourdieu, Bourdieu & Passeron), mas também as teorias que insistem em **abordagens combinadas entre classe, género e mudança estrutural** (McDowell, Crompton, Holland, Abrantes & Abrantes, Roberts), mas também, e **ainda, as teorias que enfatizam a agência** e o papel dos investimentos e expectativas de pais e jovens (Ericson, Golthrop).

5) Mesmo **percepções de saúde e bem-estar** estão fortemente associadas com a **classe e o status**: as/os de Reprodução Educacional de Nível Baixo estão mais associadas/os a uma percepção da sua saúde “fraca”, enquanto as/os de Reprodução Educacional de Nível Alto e as/os de Mobilidade Educacional Ascendente a classificam como “ótima” e “muito boa”.

2. Perfis de mobilidade educacional e comportamentos de risco

Relacionam-se agora os perfis de mobilidade educacional com os comportamentos de risco, tal como são reportados pelas/os jovens aos 13, 17 e 21 anos de idade. Tendo em conta a literatura, considerámos estes comportamentos quer na dimensão das práticas com risco para a saúde, quer na dimensão de comportamentos entendidos como disruptivos ou de contestação da autoridade. Para facilidade de análise reclassificámos os cinco grupos atrás identificados em dois padrões: o *padrão-reprodução* (REB; REA; REI) e o *padrão-mobilidade* (MEA; MEDT). Os resultados permitiram identificar um conjunto de tendências diferenciadas em função de cada um dos padrões.

A análise revelou que o *padrão-reprodução*, nos seus extremos (**Reprodução Educacional de Nível Baixo e Reprodução Educacional de Nível Alto**) segue globalmente a tendência encontrada na literatura: maiores níveis de escolaridade das/dos jovens (neste caso associados a níveis mais elevados na escolaridade dos seus pais) encontram-se associados a menor incidência de comportamentos de risco e vice-versa.

Quadro 4. Comportamento disruptivos reportados aos 21 anos por perfil

Já alguma vez na vida...	Total	RSB	RSA	RSI	MSA	MSD
Ficou suspenso da escola *	8,6	16,8	3,3	10,9	2,4	8,1
Foi detido**	5,2	6,1	2,0	8,7	2,1	9,0
Atacou alguém com a ideia de magoar seriamente ***	9,2	11,7	4,9	13,6	6,1	10,9
Pertenceu a um gang	0,9	1,6	0,0	1,5	0,5	0,9
Cometeu algum crime ****	7,1	5,4	6,2	10,3	5,2	11,3

* $\chi^2=68,442, p<0,001$; ** $\chi^2=28,890, p<0,001$; *** $\chi^2=21,337, p<0,001$; **** $\chi^2=14,346, p=0,006$

No entanto, observa-se no **perfil de Reprodução Educacional de Nível Alto** uma relativa incidência de comportamentos de risco associados a estilos de vida que podem ser apelidados de “recreativos”, como o consumo de *haxixe* ou *marijuana* aos 21 anos (ou, mais precocemente, aos 13 anos, na experimentação do consumo de álcool).

Quadro 5. Consumo de drogas aos 21 anos por perfil

Alguma vez consumiu...	Total	RSB	RSA	RSI	MSA	MSD
Haxixe ou Marijuana*	41,2	29,1	48,6	48,5	33,6	56,3
Ecstasy **	2,2	2,1	1,0	4,4	0,5	4,0
Anfetaminas ***	2,6	1,3	2,5	6,6	0,7	3,6
Cocaína	3,1	1,9	2,5	6,2	1,8	4,5
Heroína	0,2	0,3	0,0	0,7	0,0	5,4
LSD ****	2,9	0,8	2,8	5,8	1,6	5,4

* $\chi^2 = 67,863$, $p < 0,001$; ** $\chi^2 = 18,859$, $p = 0,001$; *** $\chi^2 = 27,058$, $p < 0,001$; **** $\chi^2 = 22,134$, $p < 0,001$

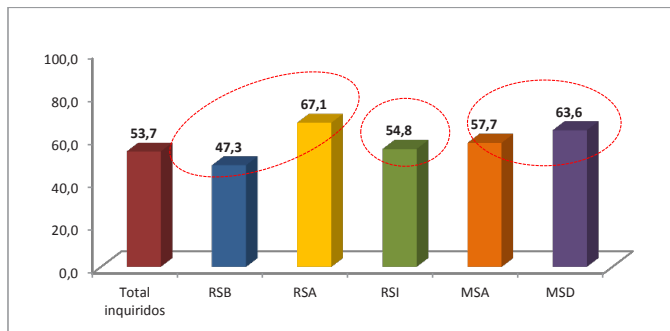
No **perfil de Reprodução Educacional de Nível Intermédio** os resultados mostraram, comparativamente com os restantes grupos, uma certa predisposição para a adoção de comportamentos de risco ao longo da adolescência, pelo que se pretende aprofundar a análise, ao nível, por exemplo, das variáveis de enquadramento familiar das/dos jovens ou das suas perspetivas de futuro.

Quadro 6. Luta física durante os últimos 12 meses, aos 17 anos por perfil *

	Total	RSB	RSA	RSI	MSA	MSD
Nunca	66,1	57,5	73,2	61,9	78,6	65,5
Uma vez	16,9	20,9	13,2	18,5	12,0	23,2
2 a 3 vezes	11,3	13,8	9,4	13,1	6,9	7,3
4 ou mais vezes	5,8	7,7	4,2	6,6	2,3	4,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

* $\chi^2 = 38,617a$, $p < 0,030$

Figura 11. Consumo de álcool aos 13 anos, por perfil de mobilidade educacional



$$(\chi^2 = 24,301a, p < 0,000)$$

No que diz respeito ao *padrão-mobilidade*, os efeitos benéficos da escolaridade associada ao investimento no estudo e na leitura e à prática de desporto, aos 13 e aos 17 anos, parecem ser mais expressivos no **perfil de Mobilidade Educacional Ascendente**. A acentuada feminização deste grupo merece também análise mais aprofundada do efeito de género nestas dinâmicas.

Já no **perfil de Mobilidade Educacional Descendente Transitória** os/as inquiridos/as apresentam ao longo da adolescência uma incidência comparativamente maior de comportamentos de risco, pelo que parece relevante uma análise mais focalizada no enquadramento familiar ou em variáveis individuais de saúde – como a saúde mental.

3. Desempenho educacional aos 21 anos: de onde vêm as diferenças?

Estudar os determinantes do desempenho educacional é crucial para compreender as desigualdades e desvantagens sociais. Dado que muitos dos participantes na coorte Epiteen estavam ainda a estudar aos 21 anos, importa avaliar as habilitações académicas atingidas em conjunto com a frequência escolar atual e perceber que variáveis contribuem para os níveis atingidos.

Quadro 7. Desempenho educacional aos 21 anos

	N	%
Não completaram o 12º (mas podem estar ainda a estudar)	141	11,81
Completaram o 12º ano (mas não têm licenciatura e não estão a estudar)	217	18,17
Frequência universitária (não têm licenciatura, mas ainda estão a estudar)	404	33,84
Têm licenciatura , e até mestrado (mas podem estar ainda a estudar)	432	36,18
Total	1194	100

Quadro 8. De onde vêm as diferenças?

Risco relativo de não ter completado o 12º, ter o 12º mas ter parado de estudar ou já ter a licenciatura Vs estar na universidade (resultados de um logit multinomial)

	Não completou 12º	Tem 12º ano (parou de estudar)	Licenciatura (ou mestrado)
Anos de escolaridade da mãe	0.860**	0.840***	1.042
Anos de escolaridade do pai	0.781***	0.864***	1.068*
Sexo (0:raparigas; 1: rapazes)	1.205	1.255	0.410***
Bebe ou alguma vez bebeu bebidas alcoólicas (13 anos)	0.499*	0.697	1.128
Esteve envolvido numa luta física no último ano (17 anos) nunca (ref)			
uma vez	3.192**	1.807	0.709
duas ou mais vezes	2.024	1.476	0.958
Alguma vez foi suspenso da escola (17 anos)	4.826**	1.863	0.313
Observações	917	917	917

Coefficientes exponenciados; *p<0.05, **p<0.01, ***p<0.001.

Outras variáveis incluídas no modelo: peso ao nascimento, pratica desporto (13), leu livro nos últimos 3 meses (13), fuma ou fumou (13), peso (13) n.s.

A **vermelho/verde**, um aumento da variável independente está associada a uma/um redução/aumento da probabilidade relativa de estar na respectiva situação educacional

Dos resultados, podemos concluir que a **probabilidade de não ter completado o 12º ano, ou de ter o 12º ano, e ter deixado de estudar, em relação a estar na universidade, está associada a ter o pai ou a mãe com menor escolaridade.**

Ser **rapariga ou rapaz só “faz a diferença”** no caso de se ter obtido uma licenciatura: os rapazes têm uma probabilidade bastante menor de (já) ter atingido esse nível de educação, ou seja, ser do sexo masculino diminui essa probabilidade.

De todas as variáveis medidas aos 13 anos, apenas a que está relacionada com o **já ter experimentado bebidas alcoólicas é estatisticamente significativa - associada a uma probabilidade relativamente menor de não ter completado o 12º ano.** Esta variável deve ser interpretada como indicador de que o adolescente, quando inquirido, já havia experimentado bebidas alcoólicas, o que não significa que ele bebesse regularmente. Coincidentemente com o constatado na literatura, é também de se interpretar estes resultados como resultando, pelo menos em parte, ao efeito das redes de relações de amizade e de convivialidade.

Os comportamentos de risco estão associados a um pior desempenho educacional aos 21 anos de idade: ter estado envolvido numa luta física ou já ter sido suspenso aos 17 anos estão associados a maior probabilidade relativa de não ter concluído o 12º ano de escolaridade.

A destacar:

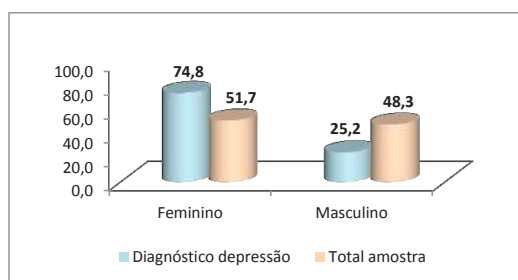
- 1) Uma parte substancial das diferenças no desempenho educacional está associada à escolaridade dos pais, o que sugere a continuidade de mecanismos de desigualdade de oportunidades num quadro geral de democratização da educação.
- 2) A escolaridade elevada da mãe e do pai contribui mais para que as/os filhas/os não tenham uma escolaridade inferior à deles (não ter completado o 12º ano ou ter o 12º ano e ter parado de estudar) do que a probabilidade da escolaridade baixa dos pais tem para impulsionar uma escolaridade mais elevada das/os filhas/os (já ter a licenciatura).

4. Juventude, mobilidade social e depressão

Analisam-se agora os resultados relativos às/aos jovens a quem, até aos 21 anos, já alguma foi diagnosticada depressão. Adotando também os cinco perfis de mobilidade educacional, foram analisadas as relações entre o percurso educacional das/os jovens (retenção escolar, escolaridade atingida e frequência de ensino aos 21 anos), género e hábitos de leitura.

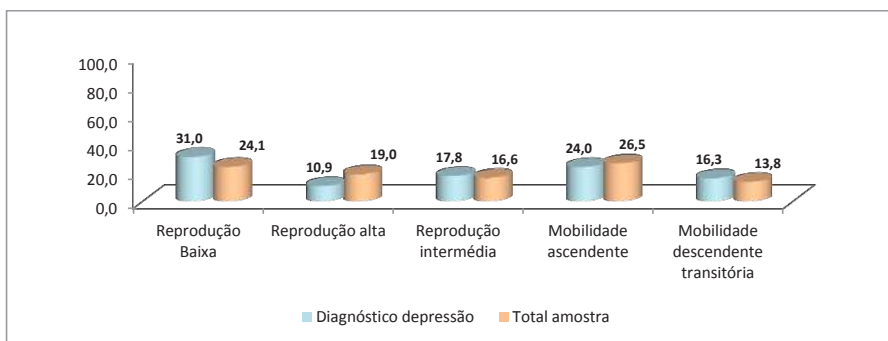
A percentagem de indivíduos na Coorte EPITeen com diagnóstico de depressão é de 7,8%. As raparigas manifestam maior proporção de diagnóstico deste problema de saúde (74.8%) do que os rapazes (25.2%) (Figura 12).

Figura 12. Diagnóstico de depressão segundo o sexo (%)



Tendo em consideração os perfis de mobilidade educacional, é visível uma tendência para um maior peso de jovens diagnosticadas/os com depressão nos perfis de Reprodução Educacional de Nível Baixo e Mobilidade Educacional Ascendente (Figura 13).

Figura 13. Diagnóstico de depressão por perfis de mobilidade educacional (%)

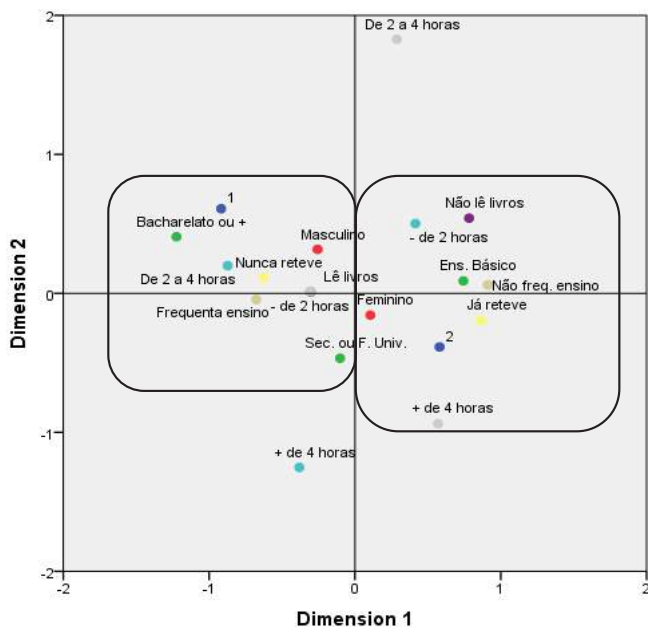


Dada a diversidade de situações encontradas, definiram-se, através de uma **análise de correspondências múltiplas**, dois perfis de jovens com diagnóstico de depressão tendo em conta diferentes variáveis, tais como sexo, nível de escolaridade, leitura de livros (13 anos), retenção escolar (17 anos), tempo passado a ler e/ou a estudar aos fins-de-semana (17 anos), tempo passado a jogar computador aos fins-de-semana (17 anos) e frequência atual de ensino (Figura 6):

O **perfil feminino** (61,2%) caracteriza-se pela associação com a retenção escolar e com o abandono definitivo da escola. Tendencialmente são jovens com o ensino básico (até ao 9º ano de escolaridade) que não tinham hábitos de leitura aos 13 anos e que, aos 17, passavam mais tempo a jogar computador do que a ler.

O **perfil masculino** (38,8%) apresenta características opostas ao perfil feminino. São rapazes que tendencialmente nunca reprovaram, têm pelo menos o 10º ano de escolaridade, o ensino secundário, frequência universitária ou ensino superior, continuam a estudar, e passam mais tempo a ler do que a jogar computador.

Figura 14. Análise de Correspondências Múltiplas

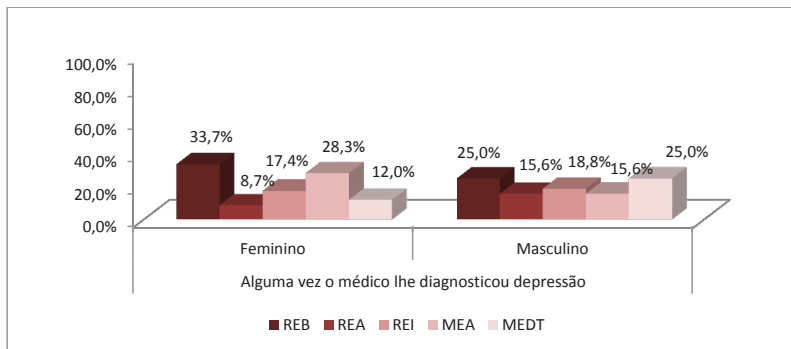


No que diz respeito à relação entre jovens com diagnóstico de depressão, sexo e perfis de mobilidade educacional, percebe-se que **são as raparigas e os rapazes da Reprodução Educacional de Nível Baixo que apresentam resultados mais expressivos** (33,7% e 25,0% respetivamente).

Nas **raparigas**, nota-se que a origem educacional (mais do que o nível de escolaridade atingido) tem grande peso na relação com o diagnóstico de depressão. Para além do perfil de **Reprodução Educacional de Nível Baixo**, também o perfil da **Mobilidade Educacional Ascendente** é modal (28.3%).

Nos **rapazes**, parece que o nível de escolaridade atingido tem maior influência do que a origem educacional. A juntar-se ao perfil de **Reprodução Educacional de Nível Baixo**, estão os jovens da **Mobilidade Educacional Descendente Transitória** (25,0%).

Figura 15. Diagnóstico de depressão segundo o sexo e os perfis de mobilidade educacional



5. Capital social e envolvimento cívico na transição para a vida adulta

Exploram-se neste ponto as redes, o capital social e o envolvimento cívico das/os jovens na transição para a vida adulta (17 para os 21 anos de idade). De acordo com a literatura, o **capital social** refere-se a recursos potencialmente disponíveis e que podem ser mobilizados a partir dos nossos laços sociais (Bourdieu; Lin). Estes **recursos** podem ser **expressivos** (apoio emocional e social) ou **instrumentais** (apoio financeiro, estatuto socioeconómico).

O capital social foi captado através de duas dimensões: **bonding** e **bridging**. O **bonding** diz respeito aos recursos disponíveis nos laços fortes, tais como familiares e amigos íntimos (rede informal próxima). Por sua vez, o **bridging** refere-se aos recursos disponíveis nos laços fracos, como conhecidos ou redes formais.

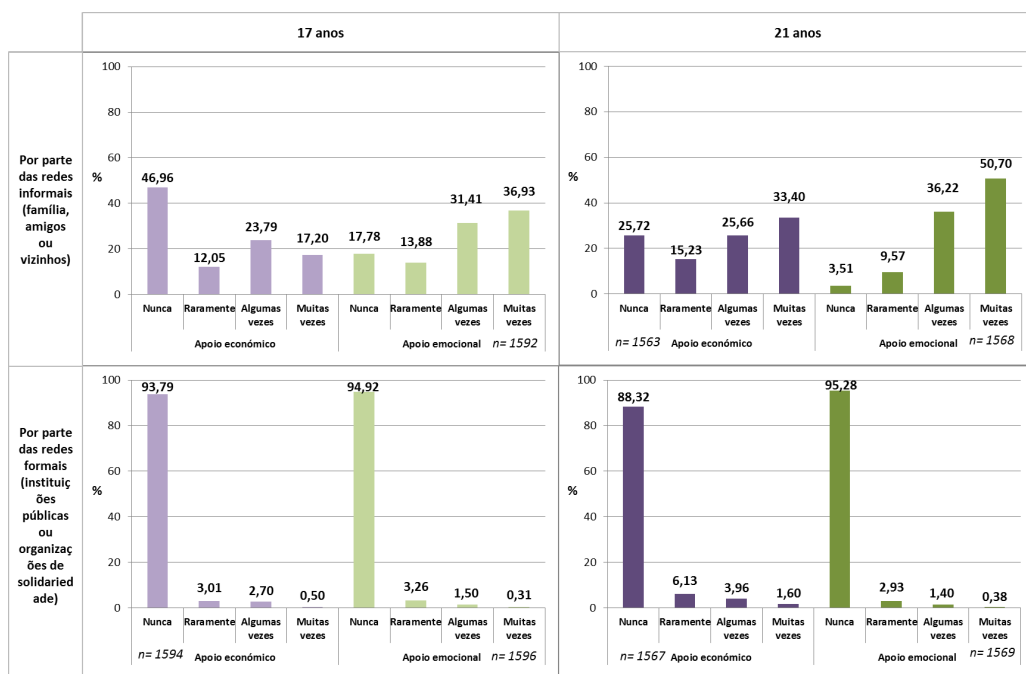
O **envolvimento cívico** remete ao envolvimento individual e colectivo nos assuntos públicos e na vida das suas comunidades (Putnam; Park & Perry).

Apoio emocional e apoio económico recebido aos 17 e 21 anos

De acordo com os resultados, as/os jovens referem receber mais apoio financeiro e emocional das redes informais (família, amigos ou vizinhos) do que das redes formais (instituições públicas ou organizações de solidariedade).

O **apoio emocional** recebido por parte das redes informais (família, amigos ou vizinhos) aumentou significativamente na passagem dos 17 para os 21 anos ($Z=-14.905$, $p\leq 0.001$). Já quanto ao **apoio económico** recebido por parte tanto das redes informais (família, amigos ou vizinhos), como das redes formais (instituições públicas ou organizações de solidariedade), aumentou significativamente na passagem dos 17 para os 21 anos ($Z=-13.223$, $p\leq 0.001$; $Z=-4.904$, $p\leq 0.001$).

Figura 16. Apoio das redes aos 17 & 21 anos (n=1650)



Capital social: bonding e bridging aos 17 e aos 21 anos

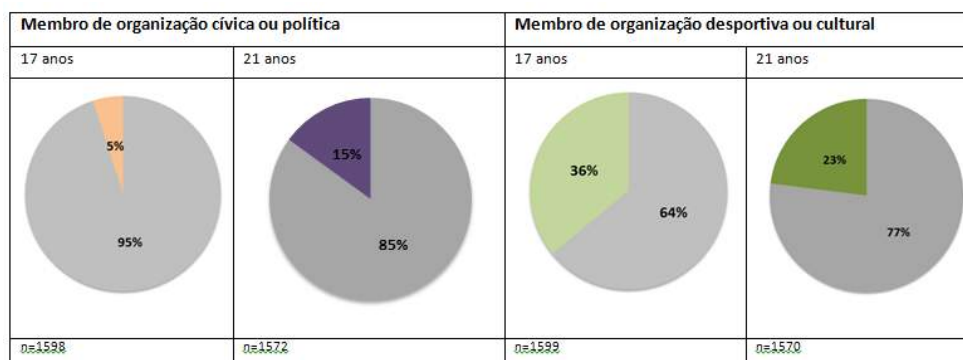
O **bonding** foi estimado com Modelos de Classes Latentes, conjugando-se as variáveis de apoio financeiro e emocional de redes informais (familiares, amigos e vizinhos). O **bridging** foi estimado com as variáveis de apoio financeiro e emocional de redes formais. Seguindo o mesmo procedimento, estimamos a variável capital social, agregando o **bonding** e o **bridging**.

Da análise pudemos inferir que o **bonding** ($Z=-12.962, p\leq 0.001$) e o **bridging** ($Z=-21.944, p\leq 0.001$) **umentam significativamente na transição para a vida adulta**. Aos 17 anos, as raparigas têm menor probabilidade de terem um nível alto de **bonding** ($p<0.05$) do que os rapazes, embora esta diferença de género não seja significativa aos 21 anos. As/os jovens que não viviam com ambos os pais aos 13 anos ($p<0.01$) ou que tinham uma mãe profissionalmente inactiva aos 17 ($p<0.01$) têm maior probabilidade de ter um nível alto de **bridging** aos 17 anos.

Envolvimento cívico

Também constatámos que o **envolvimento em organizações cívicas e políticas aumentou significativamente na passagem dos 17 para os 21 anos** ($Z=-13.401, p\leq 0.001$). Em contraste, o envolvimento em organizações de desporto e culturais diminuiu significativamente na passagem dos 17 para os 21 anos ($Z=-3.197, p=0.001$), tal como a participação em organizações ou atividades religiosas ($Z=-6.445, p\leq 0.001$). Ter ficado retida/o ($p<0.05$) na escola diminui a probabilidade de fazer parte de organizações políticas ou públicas ou de pertencer a grupos desportivos ou culturais aos 17 anos.

Figura 17. Participação em organizações aos 17 & 21 anos (n=1650)



Já aos 21 anos, ser rapaz ($p<0.01$) e mais escolarizado ($p\leq 0.001$) aumenta a probabilidade de pertencer a alguma organização política ou pública. Contudo, estar a trabalhar ($p<0.001$) ou desempregada/o ($p\leq 0.001$) diminui essa pertença.

Os rapazes têm maior probabilidade de pertencer a grupos desportivos ou culturais, tanto aos 17 ($p<0.01$) como aos 21 anos ($p\leq 0.001$). Aos 17 anos, os anos de escolaridade da mãe ($p<0.05$) também aumentam significativamente essa probabilidade. Aos 21 anos, a escolaridade das/dos jovens ($p\leq 0.001$) aumenta essa probabilidade de pertença, enquanto estar desempregada/o ($p<0.05$) diminui-a.

Capital social, envolvimento cívico e perfis de mobilidade educacional

Quadro 9. Capital social segundo os perfis de mobilidade educacional (%)

21 anos - %		Perfis de Mobilidade Educacional					Total
		REB	REA	REI	MEA	MEDT	
Envolvimento Cívico*** ($\chi^2=26,205$, $p<0,001$)	Baixo	63,4	43,9	52,7	48,4	52,3	52,0
	Alto	36,6	56,1	47,3	51,6	47,7	48,0
Bridging*** ($\chi^2=22,503$, $p<0,001$)	Baixo	38,8	66,8	46,9	50,4	57,4	51,5
	Alto	61,2	33,2	53,1	49,6	42,6	48,5
Bonding*** ($\chi^2=117,916$, $p<0,001$)	Baixo	6,3	2,1	2,1	2,5	1,5	3,0
	Médio	85,8	57,8	80,8	71,9	61,5	72,2
	Alto	7,9	40,1	17,2	25,7	36,9	24,8
	Muito baixo	6,3	2,1	2,1	2,5	1,0	3,0
Capital Social*** ($\chi^2=161,936$, $p<0,001$)	Baixo	75,4	50,2	66,1	55,3	55,9	60,6
	Médio	7,3	41,9	15,9	23,5	36,4	24,1
	Alto	11,0	5,9	15,9	18,8	6,7	12,4

A relação entre nível de envolvimento cívico e os perfis de mobilidade educacional é significativa aos 21 anos: os/as jovens que pertencem ao perfil de Reprodução Educacional de Nível Alto apresentam maior envolvimento cívico, enquanto as/os jovens do perfil de Reprodução de Nível Baixo apresentam menor envolvimento cívico.

Tanto aos 17 como aos 21 anos, o perfil com **bridging** mais elevado é o da Reprodução Educacional de Nível Baixo. Já em termos de **bonding**, tanto para os 17 como para os 21 anos, é o perfil de Reprodução Educacional de Nível Baixo que apresenta menores valores.

Aos 17 anos, a relação entre capital social e os perfis de mobilidade educacional não é tão clara, tornando-se mais evidente aos 21 anos: os jovens que pertencem ao perfil de Reprodução Educacional de Nível Alto, assim como os que integram o perfil de Mobilidade Educacional Ascendente aproximam-se por terem níveis de capital social mais elevado. **As/os jovens do perfil de Mobilidade Educacional Ascendente destacam-se por apresentarem os valores mais elevados de capital social.**

A destacar:

- 1) Observam-se mudanças significativas de capital social e envolvimento cívico entre a adolescência tardia e a entrada para o início da vida adulta.
- 2) O capital social *bonding* e *bridging* (percecionado) aumenta dos 17 para os 21 anos, o que poderá estar relacionado com uma maior necessidade de recursos nesta transição.
- 3) O aumento do envolvimento em organizações cívicas e políticas poderá ser explicado pelo recenseamento eleitoral e entrada na universidade ou mercado de trabalho. A diminuição do envolvimento em organizações de desporto e culturais poderá estar associado com a saída do ensino secundário, uma vez que é durante esses anos de escolaridade que as/os jovens usualmente se envolvem em atividades desportivas e culturais extracurriculares.
- 4) Diferentes formas de envolvimento cívico podem estar relacionadas com diferentes fases de vida, numa perspectiva de curso de vida. Estas mudanças podem também estar associadas a uma maior consciencialização em relação ao próprio capital social e ao envolvimento cívico.
- 5) Por fim, os dados apontam para alguns efeitos do tipo *Mateus & Matilda* (i.e., vantagens sociais acumuladas que contribuem para processos de produção e manutenção de desigualdades sociais) em questões de género e de escolaridade. Por exemplo, relativamente às raparigas, os rapazes têm maior probabilidade de *bonding* aos 17 e de *bridging* aos 21, tal como de envolvimento cívico quer aos 17, quer aos 21. A escolaridade é igualmente uma forte preditor de capital social e de envolvimento cívico.



Reproduzir ou contrariar o destino social?

Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas
Rua Almerindo Lessa – 1300-663 Lisboa
Gabinete 56, Piso 0 | Telefone: (+351) 213 619 430, Ext. 453450
Website: epiteen.iscsp.ulisboa.pt